

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 46 - 31 DE AGOSTO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS - PREÇO 1\$00



Gin
Rogers



Neste número: Como se emagrece em Hollywood...



Merle Oberon, a mulher que encantou J. Schenk, e que este, «generosamente», tornou numa das grandes vedetas americanas.

CINEMA OPTIMISTA CINEMA REALISTA

O cinema é — indubitavelmente — uma Arte.

E como toda a arte deve ter a sua função social, com a particularidade de poder, melhor que n'outra, traduzir as ideias e os seus sentimentos da vida contemporânea.

Precisamente, pela Arte das imagens que têm a facilidade duma mutação constante e duma variedade infinita de expressões, de conseguir os efeitos mais surpreendentes e de plasmar as ideias mais vastas e mais profundas numa rápida focagem de segundos, o cinema é a Arte por excelência, verdadeiramente a Arte do nosso século.

Nós somos dos que defendem o principio de que a Arte, toda a Arte, tem a sua função humana, de combater, de propaganda e de exposição de ideias — consequentemente de fonte inesgotável de emoções.

O Teatro, a Pintura, a Escultura, como a Poesia e o Cinema, são indiscutivelmente formas de expressão dos sentimentos. E o Cinema, é, dentre todas aquelas que pode conter um misto de poesia, de pintura e de musicalidade que nos provoca as emoções e os sentimentos mais diversos...

Num dos últimos números de «Cine-Jornal», Silva Bastos saía em defesa do optimismo dentro do cinema e falava certamente em nome de todos aqueles mortais que vão ao cinema, depois das refeições, para que a Arte das imagens, lhes facilite as digestões.

Silva Bastos defende o principio de que ir ao cinema deve ser ir assistir ao Folies Bergères, ao Congresso que Dança, a Dois corações a compasso, e isto porque não deve ser para assistir a Frankenstein, Médico e o Monstro. Tam pouco, para assistir a Mãe, Trágédia da Mina, aos documentários científicos da U. F. A., a Tempestade na Ásia, Luzes da Cidade e a tantos outros, porque não se vai ao Teatro e ao Cinema para «sofrer» nem para «pensar»; menos ainda para concentração espiritual ou para profunda meditação.

O basofismo dum galá, a banalidade dum rapariga que canta, a espumosa de saías que rodopiam, mostrando, a rasgos de malícia, as esculturais pernas dos conjuntos de egípcios de Hollywood valem bem mais do que o drama que envolve a Trágédia da mina, a filosofia fatalista de Luzes da Cidade o humanis-

mo de A Mãe e o formidável analema de A Oeste Nada de Novo!?

Concordamos com a exclusão de O Médico e o Monstro, e semelhantes películas que são papões para adultos ao mesmo tempo que emoções fortes para meninas histéricas; discordamos da apresentação dos filmes que contam o «heroísmo» dos «gungsters», como reprovamos igualmente aqueles que mostram as tragédias passionais que servem de fundo para uma exibição do sensu-alismo de cartaz da Harlow, das atitudes vampírescas da Marlène, e os beijos ou os ombros mais ou menos estéticos e cinéfilos da Garbo.

De tudo isto nós discordamos! — mas incluímos também, nesta discordância, o falso optimismo do Caminho do Paraíso, a espumante mas enganosa alegria da côrte de Maeterlinck do Congresso que dança, as monices do Chevalier, etc.

Nós optamos pelo cinema realista, pelo cinema como «écran» da vida, como imagem e expressão artística desta. E esta imagem não deve ser a descrição duma lula amorosa, dum caso absolutamente particular que não interessa ao conjunto dos milhões das telas brancas.

O que o cinema deve traduzir é o palpitar da vida febril do nosso século, e o quadro dum mundo que vive e se agita, num ensejo constante de superação e de norteamento...

Fazer cinema não é, quanto a nós, mostrar pernas frescas e sudadas, num ritmo de conjunto. É sim, mostrar-nos um facto histórico, envolvido em poesia, aureolado com Arte, mas com sentido realista. É mostrar-nos a tragédia desses milhões que procuram um lar, a felicidade...

É o esforço hercúleo do trabalho, cantado com poesia, com Arte, através desses imensos campos onde os exércitos dos tractores, que abrem a Terra mãe, são um hino de redenção do homem-escravo. É a beleza inebriante dessas imagens que nos falam da beleza da vida, no que ela tem de pureza, de humanismo e de elevação. É o esforço desses párias que arrastam uma existência que é uma epopeia de sacrifício, de miséria e que parecem ter encarnado em si todas as dores, todas as desditas, todos os «cáliz» da amargura...

...É a canção da natureza que mostra aos homens a sua doce paz e que é um convite à Vida, ao Amor e à Beleza; uma doce balada de sonho e de poesia.

Assim é que deve ser o cinema Arte, o Cinema que os homens integrados no espirito do século devem admirar: o cinema que traduz com espiritualidade, com ritmo, com Arte, enfim, a Vida que se vive diariamente no Mundo.

O cinema não deve ser nem um chá digestivo, nem uma injeção de morfina. E ir ao cinema para «esquecer a

vida» — como dizia Silva Bastos — corresponde a agarrar-se ao balaço de uma laberna — se se é menos, «rafiné» e menos rico — e se há mais espiritualidade e também mais dinheiro, a injectar-se heroína.

Sentir e viver a vida através a arte das imagens não é deixarmo-nos arrastar pelo pessimismo nem querer sentir emoções fortes por uma espécie de sadismo da arte! É antes, querer gozar o espectáculo de ver projectadas no écran aquelas imagens pungentes, e realistas da vida de cada um, que é a tragédia de todos, e que ao movimentarem-se na tela nos fazem pensar, nos obrigam a desfolhar aquilo que vai ficando no nosso espirito. Depois, ao voltarmos para casa, lembramo-nos daquelas imagens e daqueles fragmentos de vida, arrancados ao drama da existência humana.

Muitas vezes, o cinema força-nos a meditar sobre problemas e questões sobre as quais nunca havíamos raciocinado. Então, muitas vezes, voltamo-nos verdadeiramente para a vida.

É que o realismo do cinema, supera todas as outras formas de expressão do pensamento. Nem o mais ardente orador consegue o efeito duma leve película...

É e aquela, precisamente, a grande facilidade do cinema, fazer-nos pensar e reflectir sobre certas imagens da vida.

Neste sentido, o cinema convenientemente utilizado, seria um potente factor de educação — e também de transformação!...

F. LYON DE CASTRO

Os homens, as mulheres e as raças...

Os norte-americanos são os homens mais dominados pela mulher, em todo o mundo. Seguem-se os ingleses e depois os franceses... Tal é, pelo menos, a opinião de Tilly Losch, a formosa bailarina, que actualmente se encontra na América, depois de ter filmado o Jardim do Allah.

Em França — declara Tilly Losch — o homem, no corredor dum Teatro, vai sempre à frente. A mulher, mais atrás; em Inglaterra, seguem a par; na América, porém, o homem segue e precede sempre a mulher, como se fosse um cachorrinho...



Sally Eilers recebe as seus convidadas na piscina dos estúdios

Bravo, amadores!

«Pour vous», ao alto do seu página 3, em lugar de honro, escreve: «Bravo, Amadores! No Concurso Internacional, realizado em Berlim, para escolha do melhor filme de amadores, o França classificou-se em segundo lugar, depois do Alemanha, e diante do Itália, Hungria, Holanda e Portugal, etc., etc.».

Pelo nosso porte, atendendo o que Portugal conquistou um segundo prémio, na classe dos filmes de desenhos animados e de «marionettes», clamamos também: Bravo, amadores!

Porque, em certames internacionais de cinema, nunca o nosso pobríssimo cinema se fêz representar — e foram precisos trabalhos de amadores para apregoar o nome de Portugal no estrangeiro, em redor dos filmes apresentados.

Além disso, vemos que Portugal, no Imprensa estrangeira, e em relação ao cinema de amadores, não foi englobado no «etc., etc.», como muitos outras poises — e que tem «classe», para ser citado especialmente.

Os amadores — redimiram os profissionais!
Bravo, amadores!

Dois dias de prisão

Há algumas semanas, William Wyler, um dos mais novos e afamados realizadores de Sam Goldwyn, seguia em louca velocidade, no seu automóvel, por uma das esplêndidas estradas da Califórnia. Tão orgulhoso estava com o seu carro, que comprara recentemente, que perdeu conta do tempo e não mais se lembrou dos regulamentos do tráfego... O polícia dum povoação cêrea de Los Angeles, lembrou-se de ambos, e, daí a instantes, Wyler foi conduzido à presença do juiz.

A sentença foi uma multa de 50 dólares e dois dias de detenção num cárcere. Wyler pagou a multa e pediu ao juiz que adiasse a sua prisão até terminar *Infância*, que estava dirigindo com Merle Oberon e Miriam Hopkins, nos protagonistas. O magistrado, um grande apaixonado do cinema, sorriu, benévola e deu-lhe um mês para cumprir a pena.

Terminada a sua liberdade condicional, Wyler apresentou-se no cárcere, e não obstante garantir que tinha que cumprir uma pena, ninguém o quis prender. O alcaide não tinha provas. E Wyler voltou a casa.

Passado instantes, o telefone retiniu: — Estava tudo esclarecido. O sr. Wyler fazia favor de dar entrada na prisão.

E foi aí, durante, dois dias que Wyler preparou o guião de *Dodsworth*, que Goldwyn lhe encomendara.

Mary vai casar?

Segundo se afirma, o casamento de Douglas Fairbanks com Lady Ashley vai ser seguido do enlace Mary Pickford-Charles «Buddy» Rogers.

Isto diz-se em Hollywood, porque Mary não afirmou «sim» nem «não»...

É verdade que «Buddy» ultimamente, parecia vivamente interessado por outra Mary: Mary Brian.

Mas esta parece não ter olhos senão para Cary Grant.

E pois naturalíssimo que, no caso de Cary «ligar», «Buddy» vá cair nos braços de Mary Pickford, que podia ser sua mãe...



Paulette Godard, a mulher de Charlie Chaplin! Ela: 19 anos, incompletos. Ele: quase sexagenário. Não estario aqui o ponto de partida para um filme do próprio Charlot?

O realizador «fantasma»

Hollywood está orgulhosa de ter um realizador «fantasma». O seu nome é Richard Rosson — e podem contar-se os cinéfilos que o conhecem. No entanto, Rosson tem colaborado nalgumas das maiores películas realizadas nos estúdios americanos.

Se algum filme exige aparência de realidade absoluta, quasi sempre os produtores lançam mão de Rosson. Com efeito, o «realizador fantasma» tem percorrido o mundo, em busca de cenas de ambiente insuspeito. E muito embora Rosson possa ser o criador dos mais emocionantes incidentes do filme, nunca verá o seu nome na lista dos colaboradores.

Mandaram-no para o México, por causa de *Viva Villa!*; à Ilha de Galapagos por causa das assombrosas cenas marítimas de *Tiger Shark*; ao Alaska, para filmar *Esquimbó*.

A sua última expedição foi aos acerrados pincaros das montanhas do Estado de Idaho, a 3.000 quilómetros de Hollywood, para filmar algumas cenas da nova produção *Come and get It*. Levou, consigo, 35 homens e um rapaz — George Breakston, o jovem actor de 14 anos — e regressou agora, com a sua equipa, depois de alguns meses de estadia, com vários milhares de metros de filme impressionado e uma conta de 100.000 dólares.

A viagem, é claro, teve seus perigos. Um dos 100 madeireiros contratados morreu afogado; outro ficou gravemente ferido; o próprio Rosson teve a vida por um fio.

Rosson explicou: «nunca nos preocupamos como se obtém as cenas. Prendemos apenas saber se se obtiveram ou não. Os estúdios, por sua vez, aprecia se servem ou não!».

«Cavaleiro sem armas» mudou de nome

Segundo nos comunico o «Sonoro-Filme», o filme de Marlène Dietrich e Robert Donat, intitulado «Cavaleiro sem Armas», possui o de nominar-se, definitivamente, «Fugitivos».

Fortuna em dez mãozinhas...

Cinco gémeas, para certos lares seria a miséria. Para as de Dionne, foi a fortuna.

Com efeito, a 20ª Century Fox contratou as cinco raparigas, com intenção de as fazer interpretar um filme todos os anos — até que atinjam os dezoto anos. *Médico de aldeia*, que vamos ver esta época, será o primeiro da série.

Cateula-se que, quando atingirem os 18 anos, as gémeas de Dionne estejam, cada uma na posse de um milhão de dólares, ou sejam cêrea de 24.000 contos na nossa moeda.

Têm razão os que afirmam que «a união faz a força»...

A NOVA TEMPORADA

P R O M E T E . . .

Falamos, no nosso número transacto, da produção do «Metro», que veremos, na próxima época, nas nossas telas. Damos, hoje, a lista do «Sonoro-Filme».

Nos números seguintes, referir-nos-emos aos filmes das outras casas distribuidoras e sobretudo aos daquelas que já tornaram pública a lista do que tencionam apresentar.

INICIAMOS, sob este mesmo título, no último número de *Cine-Jornal*, a relação dos principais filmes a estrear na próxima época. Continuamos hoje essa tarefa, convencidos de que vamos de encontro à natural curiosidade do leitor.

Seguimos o critério de agrupar pelas casas distribuidoras os filmes que lhes dizem respeito: damos, assim, um pouco de ordem à lista — e o seu a seu dono...

Falamos da Metro. Eis agora as produções da «Sonoro-Filme»:

Tempos Modernos — É um filme de Charlot. Não damos novidade nenhuma... Qualquer pessoa que, de perto ou de longe, acompanhe a evolução do cinema, está a par das opiniões e dos actos de Charles Chaplin.

Não nos podemos alongar aqui no seu panegírico. De resto, de há muito está consagrada esta extraordinária personalidade artística. É a figura mais popular em todo o mundo. Está para o Cinema como Beethoven para a Música. É clássico na forma e profundo na intenção.

Acusam-no de não ser um inventor. A sua posição em defesa do mudo deu que falar... Só cedeu quando a esperança era já realidade palpável. Ele defendia o universalismo da sua obra que provém da humanidade que encerra: todos nós somos um pouco como Charlot, como dentro de nós também existe um Dom Quixote e um Sancho Pança discretos.

Tempos modernos é a sua última palavra. O interesse com que a aguardamos é mais do que mera curiosidade...

O Jardim de Allah — Primeiro filme colorido, de grande metragem, que veremos. A *Cucaracha* foi uma agradável surpresa. Quanto ao *Jardim de Allah* confiamos seguramente no sentido prático da indústria americana.

Com certeza não iria queimar duas figuras de primeiríssimo plano, como a Marlène e o Boyer, numa simples tentativa...

Diante de duas provas fotográficas da referida produção, Marlène parece-nos mais linda do que nunca. Dado o reco-

nhecido valor de Charles Boyer, o par, por mais amoroso que se nos apresente, não deixará de disputar um verdadeiro duelo... artístico.

Ainda que tivéssemos a Irene Isidro a servir de lenitivo à longa ausência da Marlène, nem por isso desejaríamos menos o seu reaparecimento. «Tout de même, ce n'est pas la même chose...».

100 Mentiras — Em inglês «Strike me pink», que é como quem diz — «Vejo-me azul!»

É um filme de Eddie Cantor. Nós falamos de Eddie Cantor e lembramo-nos logo daquelas belezas que ele vai desentencantar não se sabe aonde: cada «girl» é uma miss...

Mas é uma injustiça, porque Eddie Cantor não precisa de acompanhamento tão saboroso para ser considerado, e artista com vincada personalidade.

O cinema inglês, que já tinha saído da casca, canta agora de galo, como vão ver.

Eis algumas produções saídas dos seus estúdios, compreendidas na presente lista:

Rembrandt — Charles Laughton na figura do célebre pintor. Alexandre Korda realizou.

Das garantias: reconstituição exacta da época; mais um trabalho de envergadura do grande actor inglês.

É um argumento mais, contra a afirmação de que o Cinema só trata de frivolidades...

Fugitivos — Marlène foi raptada, à maneira antiga, como no tempo dos salteadores das montanhas.

É fácil de reconstituir a cena: Jacques Feyder, muito senhor de si depois da realização da «Querresse heroica», lança-se a loda a brida para Londres, no cavalo da libra, enquanto enlaça a Marlène, que não se mostra de modo algum contrariada. Como pano de fundo, os produtores americanos, cantam em surdina «A canção dos marinheiros» da Bulterfly, na alternativa de «La donna é mobile»...

O homem que podia fazer milagres — Sátira com aspectos sociais, foi entregue a sua realização a Lothar Mendes. Este realizador, que pelo nome parece ter ascendência portuguesa, ganhou as suas esporas de ouro no tempo do

mudo, com o filme «Interferência», então muito gabado.

Não me esqueças — Nesla produção, realizada por Zoltan Korda, irmão de Alexandre Korda, ouviremos o tenor Gigli, que nos dizem ser uma revelação e ter grande «cartel» mundial.

E fechamos aqui o parenlesis referente à produção inglesa, que, por esta amostra, se vê que trabalha com vontade de marcar.

Avé-Maria — Cantada também pelo tenor Gigli. Acompanha-o a muito simpática e galante Kale de Nagy. A produção é alemã.

A Canção do Sol — Por outro tenor, este muito nosso conhecido: Kiepura, que tem já um público fidelíssimo. A realização a cargo de Carmine Gallone que, em outros filmes em que igualmente figura Kiepura, se tem distinguido pelo bom gosto com que enquadra na acção deliciosas paisagens.

O Vagabundo do amor — Chevalier também canta, mas noutra género; se desafina ninguém repara. Esperamos que o realizador, o alemão Kurt Bernhard, não tenha perdido as variadíssimas expressões de que o «palhinhas» de Chevalier sabe tomar.

Não será forte de mais a piada de lhe chamarem vagabundo do amor?...

Nunca conseguimos apreciar devidamente esta actriz: Olga Tschecchowa. Ficamos sempre com a impressão de que nunca encontrara um realizador à altura das suas possibilidades.

Confiamos em que Willy Forsl, o consagrado autor da «Mascarada», consiga em *Teatro Imperial* dar a Tschecchowa o realce bastante para ficarmos a fazer dela uma ideia mais precisa.

A mesma actriz entra também em *Lufâmia*, ao lado de Pat Patersen, a mulher de Charles Boyer. Trata-se de um filme alemão.

Uma outra artista que só temos o prazer de admirar de longe em longe, é Myriam Hopkins. Desta vez vê-la-emos em dois filmes. *A Cidade Sem Lei*, realização de Howard Hawks, autor da *Palha da Alvorada*, e *Triângulo*, ao lado da curiosa Mèrle Obéron e de Mc Crea.

Triângulo não deve ser precisamente a demonstração dum leorema de geometria...

É bom salientar que a presente relação não obedece a uma ordem de preferência, quasi impossível de estabelecer, antes constitui um verdadeiro cocktail.

É por isso que só agora falamos no filme de Harry Bauer e Danièle Darrieux — *A Lei dos Cossacos* — (no original: «Tarass Boulbas»). É de origem francesa, êste filme de emoção em que Henry Bauer tem papel à altura do seu indiscutível talento.

E mais ainda: *O Pequeno Lord* — Interpretado por Bartholomew (o filho de Anna Karenine) e Dolores Costello.

Douglas Fairbanks Júnior aparece em muito boa companhia: com Dolores del Ric, em *Acusada*; com Elisa Landi, em *Fidalgo Amador* (há tantos...).

Carus Falsus — Filme americano desempenhado por Virginia Bruce e Richard Arlen, ambos nossos conhecidos.

Flores de Nice — Pelo realizador dos «Amores da Meia-noite», Augusto Genina. Produção alemã.

Uma Noite de Sonho — Realização de Geza Bolvary, com a encantadora Magda Schneider.

Alta Escola — Com Angela Salkoker, que admirámos em *Joana d'Arc*.

O Anjo da Morle — Com Frederick Marsh, Mèrle Obéron e Herbert Marshall. Produção americana.

Para terminar, uma boa notícia: Pela primeira vez veremos, na próxima época, ao lado das Silly Symphonies coloridas, de Walter Disney, os primeiros Mickey Mouse coloridos! Que regalo para a petizada e para a gente crescida que tem o bom gosto de não desdenhar de viajar em pleno reino da Fantasia... Deveríamos ter falado da *Revolução de Maio*, de António Lopes Ribeiro, visto nos estarmos a referir a filmes da Sonoro-Filme, mas, para fechar com chave de ouro esta longa relação dos filmes a exhibir na nova temporada e também para dar o devido realce, preferimos fazer referência aos filmes portugueses separadamente.

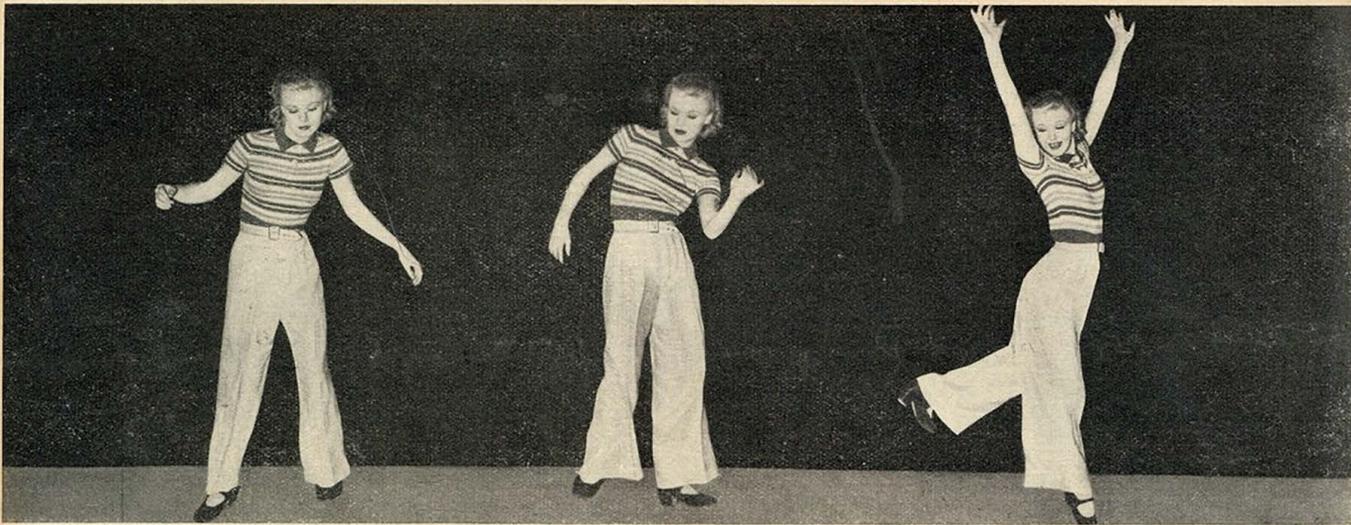
E, agora, até ao próximo número — que a precissão ainda vai na praça...



A RODA DA FORTUNA...

Já tivemos ocasião de dizer, que as lindas raparigas que, a cada passo, surgem, na tela, são a característica n.º 1 dos filmes americanos. Só por si, a parada de beldades que os filmes, exibem constantemente, fariam triunfar o Cinema! Ninguém pode competir com êle — neste campo. As mais lindas raparigas do mundo arregimentaram-se sob a sua bandeira. Procurando fortuna — fizeram a fortuna do Cinema.

Esta página é uma demonstração eloqüente do que deixamos dito!



GINGER ROGERS

ELA: a única.
Na sua boca há sorrisos gaia-
tos, geitos de malícia, prodígios
de graça que ninguém esquece.
E os lábios, às vezes, quando nos fita
silenciosa, parece que heberam o vene-
no misterioso que dá o poder terrível da
sedução, onde não existem laivos de mul-
her fatal mas perfume de beijos... que se
adivinham.

Pelos olhos, que — posso jurá-lo —
não são de anjos, passam em tropel, tô-
das as Américas dos arranha-céus, os
céus a que imaginamos subir quando
olham para nós — que é como quem diz
para a plateia.

Ela: a que traz, escondido um poema
em cada sorriso, uma loucura em cada
gesto.

* * *

Todavia, já deram outra como super-
rior. Dão, todos os dias, muitas outras
como superiores.

Há uma que tem uns olhos mais boni-
tos, outra que tem mais bonita boca,
esta mais lindos cabelos, aquela um cor-
po mais ideal e, como toda a gente,
mais ou menos, tem a mania de rastejar,
até já descobriram uns pés mais expres-
sivos!

Todavia, ela é a única: porque num
sorriso faz esquecer todas as outras.
Única enfim, porque é uma beleza... en-
ciclopédica.

Que há quem dance melhor que a
Ginger?

Eu, sinceramente, também já fui
dessa opinião. Hoje não sou...
Ela é a única.

* * *

— A única?
— É verdade.

Tal como na vida há uma, única, su-
perior às outras, que jámais cansa, que
eternamente nos anima — também a tela
nos apresenta uma que, embora tenha
os lábios inferiores a X, menos talento
do que Y apaga, com um sorriso, com
um gesto, todas as recordações. Tam-
bém a tela tem uma que não cança.

O segredo da Ginger para conseguir
tão portentoso efeito não se descobre —
mas, contudo, palpita-se, adivinha-se...
E, como cada cabeça, sua sentença, ape-
tece-me dizer que é dinamismo o segre-
do da Ginger.

Mas será?

* * *

Mas talvez eu exagere?

Indiquem-me, no entanto, uma dúzia
de jovens — e a juventude de hoje passa
a casa dos 30 — que, no fim do *Voando
para o Rio*, depois da *Roberta* ou da
Alegre Divorciada não queiram namo-
rar um Fred Astaire, noivar uma Gin-
ger, conforme os casos, está bem de
ver...

E digam-me se o pobre vizinho de
baixo não suporta, volta e meia, uma
série de pretenso sapateado... Se nunca
adormeceram nos braços da «Cariosa»
ou da «Continental».

Não tenham vergonha de confessar a
verdade...

Nós, que pretendemos ser pessoas sé-
rias também aí fraquejamos.

Quando da exibição da famosa
Alegre Divorciada certa noite, das pri-
meiras do filme, estavam na plateia
de mim, alguns camaradas do *Cine-
Jornal* e um realizador, cineasta muito
conhecido, de quem para não o enver-
gonhar, se guarda o nome.

Muito bem. Começa o filme. E se toda
a gente não estivesse presa, arrebatada
também, poderia assistir a este prodí-
gio: algumas pessoas — os tais citados —
que se presam de já estarem fartos, de
não «correrem a foguetes», de não irem
em entusiasmos, cantavam e «dança-
vam» — nas cadeiras — enlcados, sus-
pensos no voltar da Ginger, dos seus
olhos, da sua voz nasalada de ameri-
cana até à medula.

Foi quasi um escândalo?

Muito pelo contrário. Ninguém deu
por isso. Ninguém notou. Todos, sem
querer, estavam suspensos, ou estavam,
aos saltos ou, ainda, a bater com os sal-
tos na plateia.

Pateada?

Noutra ocasião todos julgariam isso:
naquela tudo lhe chamou sapateado.

É pela primeira vez, que me lembre,
no intervalo, só se falou exclusivamen-
te do filme, quando o costume é mis-
turar as impressões com escândalos e
intrigar, a matéria mais abundante do
cinema nacional.

— Mas enquanto o interesse calmo e
meditado por qualquer dos mestres de
representar, se mantém regularmente
vivo e intenso, o entusiasmo pela Gin-
ger é mais exaltado, mais intermitente,
será mais passageiro?

É, realmente.

Por isso eu lhe chamo embriaguês, in-
toxicação fugaz de ritmo, indigestão de
graça, excesso transbordante de movi-
mento.

Nas fotos desta página, mais do que
as linhas perfeitas do seu corpo sobress-
sai a graça feliz dos movimentos, nota-
-se, mais do que a beleza radiante, o en-
canto do sorriso, o poder expressivo
dos lábios, dos olhos, em feiteiros sor-
risos, em amuados olhares e pensativas
feições de quem ambiciona outra per-
feição, mais graça e ritmo, no desejo do
melhor que, no seu caso, seria o «mais
que óptimo».

* * *

Chego ao fim desta página com a no-
ção de ter exagerado um pouco em cada
conceito. Mas o exagêro também faz
parte de Ginger Rogers, as suas atitu-
des são estilizações e estilizar é, nuns,
transporte, conduzir o exagêro para o
belo.

E fica perdoada a caneta pelo seu ex-
cesso, pois, em tal assunto, até as cane-
tas têm o direito de exagerar...

F. G.





São raras as mulheres que vão para Hollywood e não são obrigadas a emagrecer.

O dever é agradar. Para agradar têm que se sujeitar a mil e uma tropelias.

Se não são esbeltas nunca mais conseguem contrato.

O «écran» engorda — ou pelo menos engrossa — e por isso sofrem um tratamento rigoroso e por vezes antipático.

Têm que se sujeitar a princípios tão rígidos como os boxeurs e os jockeys ou ainda mais, caso tenham que recorrer ao banho de vapor.

O calor dos «sunlights», ao qual os actores e o pessoal dos estúdios têm que se sujeitar durante meses e meses consecutivos, substitui-o pois desempenha o mesmo papel.

Sujeitam-se a uma gymnástica completa em que executam movimentos que fazem conservar a elegância de tôdas as partes do corpo.

A alimentação é igualmente rigorosamente estudada.

Embora estejam em férias nunca podem fazer repouso depois das refeições pois prejudica a estética e os benefícios produzidos pela gymnástica.

É também necessário não esquecer que os próprios actores que vivem na cidade têm uma vida — em casa — semelhante à que teriam caso vivessem no campo. Tôdas as vivendas dos actores numa certa categoria possuem jardins e piscinas onde fazem uma vida extraordinariamente higiénica. Ai praticam os mais diferentes desportos... alguns só por snobismo.

Diga-se de passagem que é luxo inventar desportos e jogos ao ar livre com o fim único de os ensinarem aos colegas que os visitam como sendo a última moda e a última descoberta.

O Hollywood pode ter todos os defeitos mas o que não tem é uma vida bur-

guesa. Pelo contrário; a vida é agitada e por isso incompatível com as gorduras.

Depois de estarem alguns meses em Hollywood muitos dos exercícos que as celebridades praticam a conselho das «Academias Científicas de Beleza» dos estúdios entram de tal forma nos hábitos quotidianos que os consideram como hábitos. Serve de exemplo o passeio higiénico depois das refeições, o ténis e a natação.

Todos os desportos são praticados como divertimentos e é assim, levando uma vida sadia que os distraí, que conseguem uma mocidade longa e agitada para praticar com o «vontade» os mais diversos desportos.

Os filmes americanos apresentam-nos a cada passo provas irrefutáveis desta grande qualidade dos actores americanos.

E agora para conclusão deixem-me transcrever duas opiniões de dois actores muito conhecidos.

Adolphe Menjou teve esta sentença: «Hollywood não é para lambões»; e Weissmuller para finalizar uma conversa com certo senhor que lhe dava mil conselhos e indicações para poder conservar por muito tempo aquela plástica que o notabilizou, remata com esta frase que além da ironia, encerra, em parte, uma verdade: «para conservar a *saldinha* basta-me trincar muitos destes deliciosos frutos da Califórnia, que são os melhores do mundo... e trincou uma maçã enquanto oferecia outra ao tal senhor para ver se se calava...

Enfim, quanto mais artificiais são as cidades mais se aprecia a Natureza.

É talvez por isto que os portugueses a apreciam tam pouco.

TAVARES FERNANDES

EM Paris, o «chic» numa mulher é apresentar-se com ramos de flores e possuidoras dos mais exóticos e delicados perfumes.

O «chic» em Hollywood reduz-se à estética do corpo.

Para seduzir os homens de todo o mundo — fazendo bater apaixonadamente os corações dos estudantes de Hollywood, dos comerciantes de Xangai, dos caçadores de tigres da Malásia e dos pescadores de pérolas do Golfo Pérsico — uma «estrêla» deve ser esbelta; esbelta na mais simples e na mais elegante expressão.

Assim o decidiu o Conselho Superior do Cinema Americano que obriga a despir as «estrêlas» antes de as lançar no firmamento publicitário do mundo inteiro.

Hollywood modifica as «veletas» como se elas fossem de argila, transforma-as; transfigura-as.

Actrizes que estamos habituadíssimos a ver em filmes europeus vão para a América e quando nos chegam as primeiras películas que ali filmaram aparecem-nos com um físico e um rosto diferente. Quasi sempre ficam mais esguias depois dos tratamentos feitos na capital dos filmes.

Há então três actrizes cuja transformação foi tam completa que nunca mais esquecerei os seus nomes: Jeanne Helbling, Tania Fédor e Lillian Harvey.

como
se
emagrece
em
Hollywood



os miúdos



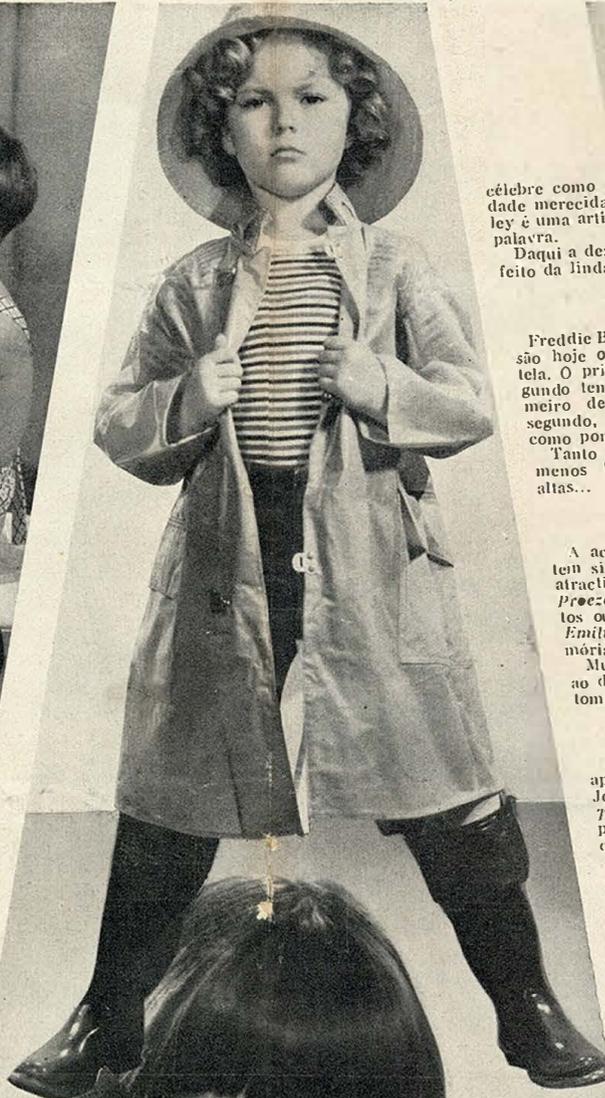
As crianças, no cinema — crescem e desaparecem.

Têm uma vida fugaz as suas carreiras. Podem ser célebres depois de um determinado período da sua vida, e depois não trabalham mais.

Lembram-se de Jackie Coogan, o garoto de Charlot? O mundo inteiro aplaudiu-o e consagrou-o na sua doce encarnação, ao lado do famoso mimo. Fêz ainda uma ou duas fitas mais, com inegável êxito. Foi pôsto de parte, logo em seguida. Quando já estava um homem, produtores houve que quiseram tentar a sorte, à sombra do seu nome. E apareceram então fitinhas como *O meu Comandante*, em que a sombra do interesse do seu desempenho e loiro, que anda perdidinho de amores pela Toby Wing, com quem dizem, aliás, que vai casar.

Tenho uma simpatia especial pelas fitas da «Pandilha». Aquela malta de engenhoso na prática de travessuras — tem um pitoresco e um sabor inegável. A «Pandilha» renova-se, constantemente. Excelente escola de artistas, tem, no facto de Jackie Cooper ter saído de lá, uma prova insofismável de que não é um agrupamento de valor artístico duvidoso, mas uma excelente prova de ensaios para mais largos vãos.

Nunca houve, até hoje, criança tão



célebre como Shirley Temple. Celebridade merecida, porque, de facto, Shirley é uma artista em toda a acepção da palavra.
Daqui a dez ou vinte anos o que será feito da linda estrelinha?

Freddie Bartholomew e Jackie Cooper são hoje os garotos mais notáveis da tela. O primeiro começou agora. O segundo tem um passado longo. O primeiro deve ir mais longe do que o segundo, se tomarmos o dia de hoje como ponto de partida...
Tanto mais que Freddie, voando há menos tempo, atingiu regiões mais altas...

A actuação das crianças nos filmes tem sido, muitas vezes o seu melhor atractivo. Citaremos, por exemplo, *Proezas de Skipppy*, *Almas da Rua* e tantos outros, sem esquecer o prodigioso *Emílio e os detectives*, de tão grata memória.
Muitos filmes têm vencido — graças ao desempenho das crianças que neles tomaram parte.

E não queremos encerrar estes breves apontamentos, sem uma referência a João Manuel, o garoto da *Canção da Terra*, de quem esperamos provas proporcionais às magníficas referências que dele temos.

MÁRIO AUGUSTO



na tela





gem de se mostrar tal como é, mesmo havendo pessoas que não a achariam «bem»...

Comentavam-se algumas das suas frases:

Os homens são uns marotos, mas adoro-os... Aos doze anos, olhava já para eles com uns olhos assim... Era uma garota ainda e tinha já pensamentos «velhos», e um mundo de desejos antecipados... Comecei cedo... Mas vale mais aproveitar tudo o que a vida nos oferece e encurtá-la alguns anos, do que viver em vão durante cento e sete anos...

Quando meti estas declara-

— *Nunca aprendi nada na escola, que não fosse a ler e a escrever — o essencial. O resto é a vida que se encarega de nos ensinar.*

* * *

A nossa última palestra remonta à época em que ela filmava *Quelle drôle de gosse*.

Disseram-me que ela tinha mudado muito, depois que a vira. Não creio. Suponho que ela continua a ser a mesma rapariga sincera, com os olhos maravilhados pelo espectáculo da vida — que conheci.

Com a diferença de que agora se tornou numa «vedeta», e se encerra num mutismo que lhe aconselharam, como sendo de bom tom...

Dá gritos ao telefone se se expõe a pretensão de a ver, para a entrevistar...

E se se tem a sorte de estar cinco minutos na sua presença, ela limita-se a responder como o campeão, depois da corrida:

— Estou muito contente por ter triunfado... Espero obter melhor resultado, para a próxima vez.

* * *

Porque ela triunfou. E, até agora não deixou de «fazer melhor na próxima vez»...

Triunfou em todos os campos: artístico e material. Mas não julguem que foi sem custo.

Lembram-se dos seus inícios? Tinha catorze anos, lá ainda à escola. Mas era incapaz de se apaixonar pelo estudo, porque, para além daquelas paredes, sentia o marulhar maravilhoso da vida. Um dia, uma visita de casa de sua mãe — que era professora de canto — declarou que Marcel Vandal procurava uma ingénua para o seu novo filme, tal e qual no género de Danielle.

Não vira ao todo três filmes. Não fazia ideia do que fosse uma câmara ou um estúdio. Audaciosamente, apresentou-se como candidata. Depois duma prova, foi contratada, por cinco anos — e dois mil francos, por mês.

Os cinco anos já lá vão. Agora ganha o dobro — por dia, já se vê...

* * *

Nem todos foram tão perspicazes como Vandal e Delac.

Para *Quelle drôle de gosse* pensava-se noutra qualquer. Foi Préjean quem a propôs. Teve que lutar muito, para a contratar. E foi ela quem fez o êxito do filme.

Em *Mayerling*, Charles Boyer pedira-a para parecer. O produtor replicou:

— Danielle Darrieux?... Já reparou?... Olhe que é uma cómica!...

Foi preciso que Charles Boyer o ameaçasse de não fazer o filme, para que transigisse. No entanto ela nivelou-se às melhores vedetas americanas, do género.

Hoje, quando aparece um argumento que inclui um papel de «ingénua», humano e complexo, o produtor abre os braços, em ar de quem nada pode fazer e diz:

— Eu gostaria de poder realizar o filme!... Que quere?! Danielle Darrieux, nesta altura, não está livre!... Esperemos!

É preciso que se despachem! Antes que a Hollywood a roube.

* * *

Não é uma cómica, nem uma trágica. É um instrumento maravilhoso, simplesmente.

Um *Stradivarius* da tela, que, nas mãos dum realizador hábil, pode dar toda a gama de sons, dos mais doces aos mais ásperos.

Aqueles que a viram trabalhar, não desmentirão tal afirmação.

Benjamin Fainsilber publicou, recentemente, numa revista francesa, um artigo sobre Danielle Darrieux, que, pelo eu interesse, vamos transcrever a seguir:

AQUI a algum tempo, dir-se-á apenas Danielle, como se diz *Marlene* e *Greta*.

É fácil demonstrar: por toda a arte pululam raparigas que tentam opiar Danielle. Cabelreira ao vento, salis rasos, e o ar inconfundível da estreia, ajudado e provocante ao mesmo tempo.

De todas as «novas», ela é a que tem mais personalidade.

Se a glória — ou a vida — não a predicaem, será, de longe, a primeira. Mirande, raposa velha, quando a viu lmar, pela primeira vez, declarou:

— Rejane!... Depois de Rejane nunca um temperamento semelhante.

* * *

Conheci-a vai para dois anos. Tinha dezassete anos, sete filmes no tivo — e preparava-se então para começar verdadeiramente a sua carreira.

Era uma rapariga despreciosa, vestia despreciosamente, com um chapéu na cabeça, que a custo se agüentava sobre os seus caracóis rebeldes. Depressa nos tornámos amigos.

Era difícil resistir ao seu feitio, senvel e extravagante. Escandalizava o espetáculo público com a sua exnbenca e as suas excentricidades. E, dai instantes, caía num torpor profundo, sonhar — e ninguém a podia arranear s seus pensamentos secretos.

* * *

Um dia quis fazer um artigo sobre a ta sentimental da *baby-star*, como tem em Hollywood.

— Sobretudo não esqueça Danielle

Darrieux! — recomendou-me Suzanne Chantal.

Impossível, de facto, esquecer Darrieux.

Mas se era fácil levá-la a dar um longo passeio a pé, disputar com ela um «match» de luta, fumar um número infinito de cigarros, ou esvasiar alguns cálices de «Cointreau», «para esquecer» — uma coisa havia a que ela se negava sistematicamente: a entrevista. «Não a divertia!»

Um dia resolvi jogar a última cartada:

— O que é que faz esta tarde? perguntou-me Danielle.

— Nada.

— Então venha comigo. Estou aborrecidíssima... Pode-me fazer perguntas. Tenho impressão de que isso hoje me diverte.

Com efeito respondeu a todas as minhas perguntas. Foi mais além até.

O artigo rebentou como uma bomba no meio cinematográfico.

No estúdio falava-se «naquela cabecinha que tinha tido a audácia de dizer tudo o que pensava», que tivera a cora-

ções na algibeira — ela olhou-me com curiosidade e perguntou-me:

— Vai publicar tudo isso?

— Sim.

Ficou um momento pensativa. A brincadeira tinha-a divertido...

— Não quere que o faça...

— Não me importo... A não ser por causa da Mamã. Tem ainda certas ih-sões a meu respeito. Isso vai tirá-las!...

— Então? Publico ou não publico?

Danielle, audaciosa como sempre, consentiu.

Espero que se não tenha arrependido. E é por isso que recordo aqui as suas frases, que tantas cartas provocaram.

za. Nem todas as raparigas são dissimuladas... Outras chamavam-lhe «desavergonhada».

Danielle respondeu a umas e outras. As primeiras:

— *No fundo, sou terrivelmente sentimental.*

As segundas:

— *Não sou a única a pensar e a sentir desta forma. Com a diferença que as outras não se confessam...*

As duas:

Porque é que os vedetas de cinema são belas? Simplesmente porque o Natureza, prodigamente, as dotou? Sim, e não! Com efeito, todas elas têm o culto da sua beleza. Todas elas cuidam de si próprias. Todas elas seguem os conselhos de especialistas de beleza. Vejamos os «segredos» de algumas vedetas da tela.

O CREME DE JEAN HARLOW

Jean Harlow serve-se dum creme especial para limpar a pele, e depois dum creme-olimento, que só limpo passado uma hora sobre a sua aplicação. Pode substituir-se o creme por azeite perfumado. Vaselina pura é igualmente recomendável. Este tratamento não se deve limitar à face e ao pescoço. Os braços, sobretudo em redor dos catavels — e os mãos devem ser esfregados com o mesmo creme. Vale mais a pena habiuar ao uso de luvas de borracho, durante o noite, do que ter uma pele rugosa, umas mãos desagradáveis — em penoso contraste com o rosto cuidadoso. Aplicado o creme, calçam-se as luvas — e as mãos lavam-se, então, na manhã seguinte.

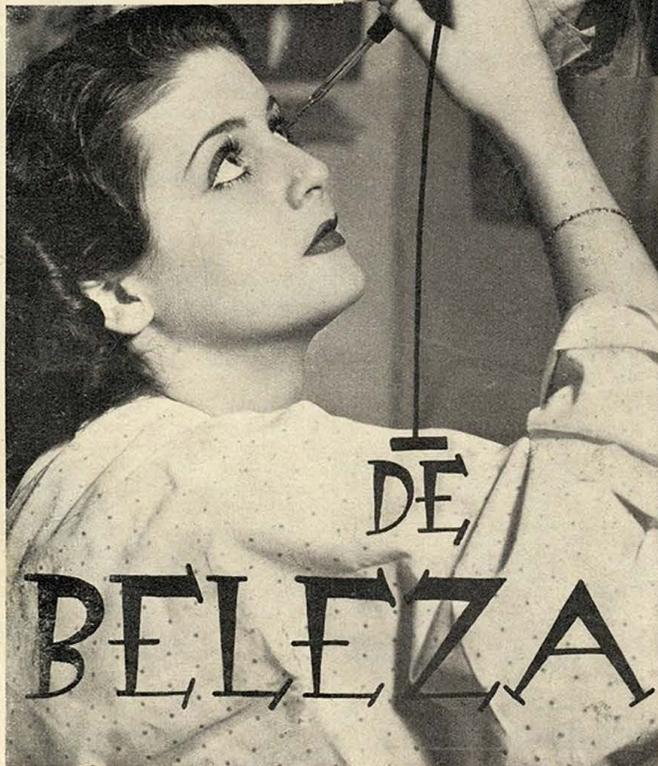
A regra geral exige, depois da aplicação dum creme, poro fechar os poros. É aconselhável deixar o creme, na cara, durante o dia. O vapor da água reforça o efeito suavizante. O adstringente seco e refresco depois o caro.

CUIDADOS COM AS UNHAS

Lili Damita cuida das suas próprias unhas. É fácil, se houver o cuidado diário, de calçar as peles, sem as cortar. Isto obtém-se com um palito envolvido em algodão e a prévio aplicação de um dos numerosas cremes destinadas especialmente para esse fim. As unhas pintadas de vermelho estão sempre no modo. As alaranjadas usam-se mais do que as violáceas ou as purpuras.

Seja como for, é de bom tom usar os unhas do mesmo cor do «beton», que se aplica nos lábios. As mãos estão frequente-

SEGRE DOS



mente próximos do caro, e uma discordância de tom produziria mau efeito.

Verdade seja que hoje já se usam unhas em oiro e prata, destacáveis... Mas isso são fantasias, que dificilmente entrarão nos domínios da prática.

O DESENHO DA BÓCA

É certo e sabido que o «boquinho» passou de modo. Vejam a de Jean Harlow. Nenhuma mulher, há algum tempo, seria capaz de pintar mais de um terço dos lábios, poro a reduzir. Hoje, pelo contrário, ultrapassam-se os lábios, espessam-se os cantos, despeçam-se o «arco» do lábio superior em proveito dum linha rectilíneo. Daqui uma transformação na expressão, e, sobretudo, no sorriso. É por isso que se deve estudar cuidadosamente o «maquillage» da boca, tanto quando o pessoa está sério como quando sorri, o-fim-de que conserve uma linha harmoniosa. O todo exige cuidados inexcedíveis, porque é difícil «desenhar», na pele, fora do limite dos lábios, sem correr o risco de fazer «paste-

lões». É preciso, além disso, utilizar um «beton» consistente, e que «cubra» bem.

A PINTURA DOS OLHOS

A pintura dos olhos é das que mais dificilmente resulta bem, declara Raquel Meller. Sómente, as orientais, suportam o negro nos olhos e as traças o «croyon», que envelhecem mais de dez anos os outros mulheres.

Melhor: do que o azul, o preto ou o cinzento, o castanho avermelhado, o «ocre» e o «mouve» convêm mais os pálpebras.

A pálpebra inferior não suporta mais do que um traço o «croyon», na parte interior dos olhos, digamos assim. Isto é: no linha onde nascem os pestanos. Para isso, boixam-se o pálpebra com o dedo e aplica-se a caracterização. Idêntico processo se deve seguir com a pálpebra superior. Convém graduar os cores do «maquillage» da sobroncelha pelo dos cílios: «rosa bistrée», cinzento escuro, negro ou castanho escuro. O «rimmel» acabará por dar o efeito desejado.

ROSA MARIA.



JÁ

NÃO

HÁ

mulheres
fatais

o que importo numa criação é continuar fiel à vida. A personagem, triste ou alegre, segundo as coisas — deve ser sempre humana, e verídica. Se for inverosímil — soará o falso e reduzir-se-á o nada. É uma contrafacção.

Eis porque a «vamp» dos bons tempos, morreu. Recuso-me a ser etiquetada assim, não só por motivos de ordem artística, mas porque suponho que uma artista, para se impor, necessita de ter um talento versátil.

*
* *

Não quero, de forma alguma, ser classificada como uma artista dum género, mas

como uma mulher capaz de viver e de interpretar, ante a câmara, todos os «nuances» do sentimento. Entendo que a partir do momento em que uma artista «se especializa» na encarnação de determinados papéis — nunca mais avança. O seu horizonte posso o ser limitado — e ela nunca mais sai de histórias de determinado tipo, que se oferecem ao público até este se saciar. Depois, o queda progressivo no esquecimento.

Que «handicap» para um artista! Tome-mos o meu caso, como exemplo. Alguns meses antes do minha aparição em «Marrocos», o primeiro filme que interpretei em Hollywood, celebraram-me, como «a nova Garbo». A fim de dor um pouco de autenticidade a este título, que me outorgavam, pediram-me que interpretasse o meu papel, «o mais possível à maneira de Garbo, em «Anna Christie».

Qual é o artista, digna, que pode aceitar o facto de se reduzir o simples imitadora? Não tinha o mais pequeno desejo de copiar o figura e as maneiras de Greta Garbo, uma artista que me inspire o maior respeito e que, honestamente, soube criar um lugar à parte, no mundo do cinema.

Quis continuar a ser «eu própria», e procurei fugir o mais possível ao figurino da «vamp». O ressentimento com que fiquei em relação a este método de exploração desleal foi o responsável, possivelmente, pelo sorriso «piquant», em que transformei, por vezes, o sorriso cansado e «desabusé», da heroína, forto de conhecer o mundo, que personifiquei naquele filme.

São raros os que concebem os dificuldades com que topam os artistas, ansiosos por solvanguardar o sua personalidade. A tarefa é mais difícil oindo, quando, previamente, o designaram por «vamp». Por toda a parte, é o mesmo. Espero-se que ela obedeça ao figurino de Hollywood: deve estender-se longorosamente sobre as «divans», fumar cigarrilhas longas, etc. Ela não tem apenas que «representar», mas viver os seus papéis, na vida real, como se fosse assim, na vida privado. O seu «eu» real desaparece, sob uma publicidade gigantesca, que a transforma e identifica na personagem que ela animou.

Um grande nome de actriz? Obtem-se muitas vezes, por uma traça de emoções, que se acabam de esgotar, porque não se tem muita que oferecer... Uma pessoa chego o sentir-se incapaz de experimentar verdadeiras emoções, incapaz também de julgar do autenticidade duma emoção; pode-se «representar» até o momento em que, inconscientemente, se acaba por representar, no vida quotidiana, corrente.

Que terrível destino! Encarar este abaixamento gradual, até um estado de espirito que elimino toda o possibilidade de manifestar o sua maneira de ser, de discernir o que é falso e o que é verdadeira!

Não desejo isso àqueles que gostam sempre de olhar direito. Foi por isso que resolvi, pelo sim, pelo não, considerar os meus papéis, ante o câmara, como uma abstracção de mim própria, e como a personificação dum sér tal que poderio imaginar pessoalmente, mas que está tão longe de mim, como o Palo Norte, por exemplo, pode estar do Palo Sul...

MARLENE DIETRICH.

que entendem por um «vamp»? Devemos crer em tal espécie de criatura. Trata-se dum mito fantástica que pertence ao mundo imaginário dos filmes? Ou dum sér perfeitamente real, tal como nós?

No que me diz respeito, suponho que a mulher-vampiro, à maneira antiga, não é mais do que uma ilusão — ou até um papão. É um género de personagem tão falso como o virgem, inocente e puro, cujo ar digno e ajuizado, tanto se apreciava em tempos que não vão longe. Uma e outro diziam com essa época doirado, em que se olhavam sombras e não imagens de homens e mulheres que riem, que choram, que falam — e, às vezes, até, que sofrem...

Lembram-se de que houve tempo em que bastava uma mulher envolver um vestido longo, ossetinado, negro e sinuoso, aberto o um lado (ligeiramente aberto, de-

vemos confessor) — para ser imediatamente designado um «vamp», prestes a reduzir o pó, terra, cinzo e nada todas as representantes disponíveis do sexo forte! Nazimova — artista essencialmente emotiva — foi o primeiro que reagiu contra esta espécie de tradição, unicamente feita de artifício. Opôs-se a essa aura de sereia da tela, que lhe queriam atribuir, e foi ela o primeira que soube acardar, nos espectadores, o simpatia por estas mulheres que o mundo se habituou a considerar como tocados dum poder celestial-satânico.

Vieram depois Lya de Putti, em «Variedades», e Greta Garbo, em variados papéis. Nem uma nem outra consentiram em abstrair as suas concepções artísticas para personificar figuras pitorescas — mas falsas.

É inútil acroscentar que a interpretação de tal tipo deve ser, acima de tudo, «sincera». Quer se trate duma «vamp» ou não,



A ALEGRIA DAS NOSSAS PRAIAS

E A GRAÇA DAS RAPARIGAS PORTUGUESAS



QUANDO em Portugal a indústria do filme deixou de ser uma arte de lentilivas para se converter numa forte realidade, Figueira da Foz colocou-se a um plano de destaque, como um dos pontos do país provido de mais qualidades para cenário natural.

Os franceses mostram-nos, com frequência, os encantos de Nice, a faustividade de Monte Carlo

Com habilidade, grande visão artística—embora não destituída de facto comercial—os realizadores da velha Gália sabem apontar nos seus filmes as belezas alucinantes da França, as atrações da sua terra.

Não são poucos os filmes de marca francesa que se desenrolam nas regiões paradisíacas do Mediterrâneo.

E, assim, vão gritando ao mundo, através do celuloide, que a França é bela, que na França se compreende a Vida. Onde se prova que o cinema é o maior propagandista dos tempos actuais.

Em Portugal—triste é dizê-lo!—nem num banal documentário de 100 metros, as belezas deste país, infelizmente encantador, deliciosamente pitoresco, são apreçadas

Se a nossa pátria se resumisse ao que os senhores cineastas documentaristas apresentam, Portugal não passaria duma região triste, apagada, que definha com o andar dos tempos

E, afinal, a nossa terra é alegre, polícroma, saltitante, e não tem aparência fúnebre...

As suas canções, conquanto possuam um certo travo melancólico próprio da raça, não cantam só o pessimismo, não gemem unicamente tristezas, nem se arrastam em sons doentios que afligem.

O fado está longe de representar a alma do povo português. O fado—aquele a T. S. F. esbodegou por completo, a força de o impingir—é o queixume dos desiludidos da vida, dos que não conhecem os encantos do mundo, dos que não confiam no futuro... O fado é o grito de guerra dos que fazem da existência um doloroso drama dos que só conseguem ver à superfície da terra um caos de dor, amargura e sofrimento...

E a vida não pertence aos pessimistas, aos abatidos, aos moralmente arruinados... A vida pertence aos fortes de espírito, aos audaciosos, aqueles que confiam no dia de amanhã, certos de que só com o seu esforço próprio conseguirão alcançar o triunfo, ganhar a alegria de viver.

Esses não cantam o fado... Nos momentos em que se sentem fraquejar, assobiam uma cançoneta do Fred Ast-

laire, ou recordam a lenacidade do Eddie Cantor, para quem a vida corre sempre de feição...

Assim sucede na Figueira da Foz, praia de sonho e de encanto, onde se não canta a amargura ou a dor, onde se exalta a alegria e o entusiasmo, onde todos sabem rir e onde as raparigas sabem ser civilizadas...



no, a chilena que conquistou o coração português, faz-se ouvir em interessantes canções oriundas da sua terra, a par duma orquestra invejável ou da sua viola dilecta.

Em Lisboa, nos cafés, ou se discute o que se não sabe ou se inventam boatos estravagantes, a fim de se não morrer de tédio.

Em último recurso, fica-nos o «Chiado» ou o «Nacional», onde dois quartetos passam a tarde e a noite, tocando obras de mestres, de irrefutável categoria artística, mas que nem sempre apelece ouvir...

A mulher, na Figueira da Foz, não teme os preconceitos que uma sociedade refinadamente hipócrita se lembrou de inventar... Sem abdicar do pudor e do feminismo, sabe ser moderna, conversa, entra nos cafés e faz ginástica na praia...

O contacto assíduo que na foz do Mondego se mantêm entre espanhóis e portugueses é benéfico para a nossa gente.

Pelas ruas macadamizadas da cidade, cruzam-se centenas de pessoas, despidas de ar burguês, destituídas das aparências de falsa superioridade que caracterizam tanto «meuino» de Lisboa, que, afinal, apenas têm cabeça para se empustar de fixador ou azeitar as ondas do cabelo.

Figueira da Foz é um reduto de mo-

A vida na Figueira é dinâmica, violenta, impregnada de beleza...

Pelos cafés—que contraste com os bisonhos cafés da capital!—a alegria domina, asfixia os espíritos.

Embora sejam cafés com muito menos capacidade do que os de Lisboa, todos têm a sua orquestra de oito ou dez figuras, orquestras modernas, trajando com originalidade e elegância, executando repertório da actualidade, canções cheias de humor e optimismo que um «chansonier» interpreta com graça. No «Pavilhão Oceanos», Rosita Serra

(Conclui na pág. 15)

CARTA DO PORTO

TEMOS de reconhecer a nossa pouca habilidade para a apresentação de estatísticas, pelo que confessamos a nossa grande culpa de termos causado, intencionalmente, uma certa confusão no espírito de alguns empresários que supuseram ver na doutrina numa das nossas últimas crônicas a pretensão de diminuir o indispensável âmbito de acção, a necessária esfera de desenvolvimento dos seus negócios.

O que pretendemos foi precisamente o contrário, como muita gente depreendeu dos nossos cálculos e das nossas palavras, pelo que muito gostosamente voltamos ao assunto, numa justa e indispensável explicação.

Quando dissemos que uma percentagem de dez por cento da população portuense dava, para dez cinemas, uma média de quatrocentos e vinte espectadores por dia e por cinema, e reputamos de excelente e animadora proporção; quisemo-nos referir, apenas, às pessoas que vão uma única vez por semana ao cinema. E, tanto assim que, como reforço apresentamos ainda e como não estando incluído nessa média o número de pessoas que vão mais de uma e mais de duas vezes por semana ao cinema, e que se contam por centenas.

Quere dizer: além da média de dez por cento, que dá uma percentagem de quatrocentos e vinte espectadores por dia e por cinema — para dez cinemas — ainda temos mais os cenitantes de pessoas que vão mais de uma vez por semana ao cinema, ou sejam os que habitualmente frequentam, em cada semana, mais que uma casa de espectáculos e que podemos calcular como sendo outras tantas.

Ora assim é que é. É muito natural que nem toda a gente tivesse compreendido isto, muito embora haja também quem imediatamente se tivesse identificado com o nosso pensamento.

De resto sabendo-se que, no Porto, há cinemas com lotações que variam em 1200 e 1800 lugares, evidentemente que se a média da frequência fosse apenas de cerca de um terço, mal iria o negócio para os empresários e muito diminuto era o valor do espectáculo cinematográfico.

Se me afirmarem, entretanto, que esta média ainda não se verifica com carácter de continuidade ou, se existe, ainda não é suficientemente compensadora, do empate de capital e para o dispêndio de energias que o cinema exige, então é que a necessidade da intensificação da propaganda cinematográfica se avoluma, como o tempo apontado por diversas vezes.

O que é preciso é ficar claramente afirmado que o Porto não tem cinemas de mais e se os que existem não atingiram ainda o grau de franca prosperidade e de desenvolvimento a que têm incontestável direito a culpa reside, apenas, na falta de uma intensa e inteligente propaganda.

Encontramos-nos num campo ainda inexplorado, o terreno de que dispomos pode dar excelentes frutos quando convenientemente tratado, e isso é que ainda se não fez.

O facto de haver empresas que, quando os filmes se prestam, pela sua índole e valor intrínseco, à volta delas fazem uma publicidade curiosa, inteligente e útil, não resolve o problema.

Quando muito e, em boa verdade isso já não é pouco, chamam a atenção da massa anónima do público para esses filmes.

Porém, o que é necessário é trazer o público, todo o público ao cinema, sejam quais forem os filmes. O que é indispensável é convencer aquele público que ainda não compreendeu, por um taçanho espírito de rotina, as vantagens do cinema, das suas qualidades e valor.

O que é necessário é fazer com que o cinema entre nos hábitos quotidianos de toda a gente, faça parte integrante dos seus costumes, das suas necessidades e, se quiserem, até dos seus vícios.

E isto não nos parece difícil, sendo apenas necessário um pouco de organização e uma certa persistência.

Ainda numa estatística recentemente publicada verificamos, por exemplo, que a Dinamarca, tendo metade da população de Portugal, possui mais cinemas que o nosso país.

Naturalmente, porque a percentagem de pessoas que frequentam o cinema é maior, muito maior do que a do nosso país. Ora o que precisamos, o que consideramos indispensável e fácil, é aumentar essa percentagem em Portugal e, para o caso presente, aumentá-la nesta cidade.

Implicitamente só se pode conseguir com uma propaganda cuidadosamente e inteligentemente preparada e lançada. Só se pode obter conseguindo arrancar as cataratas que cegam muita gente de espírito laçanho.

A esse estudo, a essa acção, a essa propaganda deviam, quanto antes, entregar-se os nossos empresários, certos de que, num futuro próximo, grandes e benéficos resultados obteriam.

E deem-lhe as voltas que lhe derem, enquanto o não fizerem continuaremos vivendo num nível inferior, ou pelo menos não atingimos aquele grau de desenvolvimento que o cinema, nesta terra, há muito podia ter atingido.

Cinema Brasileiro

Está sendo organizado nesta cidade, merce da louvável iniciativa de um grupo de individualidades marcantes da nossa terra, o Grupo de Estudos Brasileiros que se propõe, numa missão altamente dignificante, mostrar o Brasil aos portugueses.

O programa de realizações do nível grupo comporta as mais variadas manifestações de vitalidade intelectual e artística da Pátria irmã, tudo levando a crer que, dentro em pouco, a sua nobilitante acção se fará sentir.

Porém, do enunciado desse programa verificamos que, naturalmente por se tratar apenas dum esquisso, não está incluindo o cinema brasileiro.

Há muito que se pensa trazer a Portugal as últimas produções feitas em terra brasileira, sem que até hoje tenhamos tido o prazer de apreciar o espírito criador dos nossos irmãos de além-mar.

A sua imprensa, porém, tem-nos relatado a actividade sempre crescente dos seus estúdios, as grandes possibilidades dos seus artistas, e o poder realizador dos seus encenadores.

No entanto, ainda não nos foi dado ver essas produções em que a nossa língua, rica de cambiantes, nos pode dar todos os estados anímicos da gente brasileira e os mais ricos primores da sua literatura.

Além disso muito nos apazaria ver e ouvir produções feitas na nossa língua e vividas pelos nossos irmãos.

Ora, enquanto não nos é dado ver esses filmes, parece-nos que não seria de todo descabido que o Grupo de Estudos Brasileiros nos fosse informando das possibilidades do cinema do Brasil, como uma das mais vibrantes manifestações do seu pensamento contemporâneo.

De resto se o desconhecimento da vida mental brasileira se torna absolutamente injustificado, da mesma maneira é estranhável que os cinefilos portugueses, continuem a desconhecer a actividade dos estúdios do Brasil, sobretudo porque o cosmopolitismo, a noção do moderuismo e a identificação com as exigências da vida actual que caracteriza o espírito contemporâneo brasileiro, pode servir-nos de padrão e proveitosa lição.

Além disso se todos os filmes portugueses têm colocação imediata e proveitosa nos cinemas brasileiros, apesar de essa acção ser proveniente do entusiasmo com que a colónia portuguesa recebe todas as coisas de Portugal, não deixa de ser descabido que



EXPERIMENTE ÊSTE NOVO MEIO DE ORIENTAR O SEU FUTURO

Qualquer que seja a data do seu nascimento, os agradáveis êxitos que lhe raro este ano e os seguintes não dependem das estrelas — mas de si. Toda a mulher pode agora restituir a juventude à sua pele, mesmo que ela esteja stragada e emurechida, sulcada deugas ou envelhecida pelos músculos lácidos e enfraquecidos do rosto. Pelo processo especial do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, obtive-se, de animais muito novos, um novo elemento rejuvenescedor, chamado *Bioceol*. Este está contido, presente e exclusivamente, no Creme Tokalon, Cór de Rosa. Aplicado à noite, antes do leitar, alimenta e rejuvenesce a pele enquanto V. Ex.^a dorme. Os tecidos flácidos retomam uma firmeza juvenil. De manhã, aplique o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Suprime os poros dilatados, os pontos negros, e todas as imperfeições do rosto; é em-

branqueador, tónico e adstringente. Faça este simples e novo ensaio rejuvenescedor... e que a transformação do seu rosto lhe traga um lindo futuro, cheio de êxito e de felicidade!... São garantidos óptimos resultados, ou então, será restituído o dinheiro.



A venda em todos os bons estabelecim. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88 Rua da Assunção, Lisboa — que atende sem demora.

idêntico acolhimento seja dispensado às produções brasileiras.

Por isso e como, decerto, muito interessará aos cinefilos portugueses, é que gostaríamos de ver o Grupo de Estudos Brasileiros dedicar um pouco da sua atenção ao cinema do Brasil.

Ele, naturalmente, muito nos dará das excelsas belezas da Pátria irmã, muito da sua peregrina vida de sonhadores e de poetas, muito do seu espírito moderno e desempoeirado.

E se o Brasil, pelas suas vibrantes e valiosas manifestações intelectuais e artísticas, muito nos poderá emocionar, através dos seus escritores e poetas, com o seu cinema mais facilmente nos poderá identificar com todas as suas virtudes racionais e com toda a vibrância da sua alma encantadora.

S. João e Águia de Ouro

Tendo já quasi completamente organizados os seus programas para a próxima temporada, a empresa dos cinemas S. João e Águia de Ouro, deve inaugurar a época de inverno no próximo dia 5 de Outubro.

Não pode deixar de interessar intensamente todos os cinefilos portugueses a reabertura do Cinema S. João e a inauguração da próxima época no Águia de Ouro.

Conquanto de recente adaptação a cinema os dois velhos teatros viram os seus salões animados por um público numeroso e constante e muito têm contribuído para o desenvolvimento do gosto pelo cinema nesta cidade.

Legitimamente empareirando ao lado dos mais antigos cinemas do Porto, a sua acção, nivelada por um acentuado bom gosto e, até certo ponto, por um espírito moderno, tem criado um avultado número de «habitues».

E por isso que é aguardada com grande ansiedade a inauguração da época 1936-37, nos dois cinemas, como prelúdio duma temporada rica de boas produções, de excelentes filmes.

Cinema Rivoli

Tem corrido com certa insistência que o Teatro Rivoli, a sala de maior lotação desta cidade, que ultimamente se tem dedicado com grande intensidade à exploração cinematográfica, na próxima época vai empregar, a maior parte do tempo, a teatro.

Pensa-se e, durante cinco meses, fazer uma intensa exploração teatral e de variedades, de colaboração com a empresa do Coliseu de Recreios, ficando apenas dois meses para estreias de filmes e outros dois para uma curta temporada de réprises.

Tudo leva a crer que assim seja, pois, a empresa do Rivoli ainda não tem fechado quaisquer contratos para filmes e no Porto, presentemente, há apenas uma casa de espectáculos que dedica todo o inverno a exploração teatral.

Será mais um motivo para se tornar mais lucrativa a exploração dos outros cinemas, sabido que teatro e cinema têm o seu público quasi privativo.

CARLOS MOREIRA



Uma epiderme de tonalidades ou de cor naturalmente idóada dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que acusam estragos pelo exposição ao sol. Assim a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cujo agrado e acção têm sido potentes e que, dando à pele o cor bronzeado, exacto e natural, tal como os raios solares, a preservam simultaneamente do sol. O duplo valor deste produto é aumentado pela circunstancia de não ser oleoso e permitir o «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se da epiderme, esse lindo cor dourado e quente que o verão e o prao emprestam o cada rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

Ler «Stadium» é andar a par do desenvolvimento desportivo de todo o mundo



Quer ter uma
cabeça assim?

compre um cartão com 4
gonchos

WEST ELECTRIC
que custa Escudos 10800

A vendê nos melhores
Departamentos e Armazéns

DEPOSITARIO:
A. BORGES, Jr. 5 e 6, Praça, 2081-2
LISBOA

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANARIO CINEMATOGRAFICO
Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES
Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1268 e 2 1227
Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa
ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL
52 números 1 ano 48\$00
25 + 6 meses 24\$00
12 + 3 meses 12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

A alegria das nossas praías

(Conclusão da pág. 13)

cidade esfuziante que não pensa na guerra, que tem o culto pela beleza, que apraz o optimismo, que vive para o amor.

E, senhores realizadores, quando um dia quiserem fazer o primeiro filme alegre da nossa terra, um filme que, longe de ser «píres» e ordinário, seja bulhoso e moderno, vão até à Figueira. Perscrutem bem, vasculhem todos os cantos, e estamos certos que, no final das vossas pesquisas, fizeram descobertas maravilhosas, e poderão, finalmente, fazer uma produção que tenha vida, movimento e beleza, que, sendo genuinamente nacional, nos alargame ao lugar que há muito nos pertence na galeria dos países civilizados.

ANTÓNIO FEIO

A margem do cinema

Vamos filmar uma revista?

A ideia, à primeira vista, parece tola. Mas conformemo-nos, pensando que o mesmo tem acontecido a muitas outras ideias, — mais tarde, pouco depois até utilizadas como razoáveis, como de possível realização.

Para filmar uma revista de teatro, é necessariamente obrigatório que essa revista obedeça a uma realização especial, a uma montagem adequada, que seja em suma, — Cinematográfica.

«Em Portugal, ainda não se fazem revistas que sejam merecedoras de perpetuar na lenda», — vão dizer-nos. É um facto. Mas não é menos verdade que ainda nenhuma foi escrita com essa especial intenção.

Em Portugal, o teatro de revista vai-se modernizando, e vão aparecendo, pouco a pouco, coisas novas. É certo que essa evolução se vem fazendo tão lentamente que nem por ela damos: é verdade que a actuação, sempre igual, do estafado *compère*, nos faz deixar de ver, aqui e além, manchas curiosas e bizarras de cenografia, efeitos, já notáveis, de marcações coreográficas. O tempo das marcações em um, dois, género exercicios militares em parada de quartel, passou. E ai dos que teimam, rotineiramente, em chamar revistas populares áquelles que apresentam sempre os mesmos estafados e detestados motivos. Revista popular, não pode deixar de querer dizer revista para o povo. E o povo já vai demonstrando apreciáveis avanços na arte de ter bom gosto...

Uma selecção apurada e imparcial, permitiria reunir os necessários elementos. Do teatro, áquelles que, pelo seu humorismo, pelo seu bom gosto, pela sua visão cénica — afinal, pudessem dar melhores, garantias dum trabalho interessante. Do Cinema, Leitão de Barros, espirito de artista que se revela no minimo pormenor, e que seria, para a filmagem duma revista, o realizador ideal. Francis, o nosso grande bailarino, que anda afastado dos palcos, por motivos que aqui não cabem, seria o encenador coreográfico ideal. E não faltariam artistas para uma série de *sketches*, de bailados, de números de música cinematográfica...

A filmagem duma revista, pelo número elevado de artistas que nela entrariam, seria até ótimo ensejo para a descoberta de novos valores.

Nun número, numa pequena aparição, poderia revelar-se um novo precioso elemento do Cinema português. É o nosso público, que tanto gosta de revistas, e que nunca desampara completamente, mesmo as más, havia, forçosamente de interessar-se pela ideia!

Eu sei o último argumento que me oporão áquelles que têm sempre qualquer coisa para opôr: — E as *girls*?

Pois se apparecessem actores, compositores, encenador e até realizador, — porque não haviam de aparecer as *girls*? Seria uma questão de tempo. É certo que não seria possível ensaiá-las nos quinze ou vinte dias em que é de uso montar as revistas teatraes... Mas, com persistência e vontade, o problema das *girls* não seria impossível de resolver...

Aqui fica a ideia, Leitão de Barros. É tola? Será. Mas é, pelo menos, uma ideia, — que é uma coisa que, mesmo tola, nem toda a gente tem...

Caminho novo...

No Cinema Nacional, estão, felizmente, aparecendo novos elementos, que, indiscutivelmente, a valorizam. Da muita quantidade, há-de necessariamente, restar a melhor qualidade, — e isto por uma melhor facilidade de escolha. Não vamos, porém, começar a incensar, desordenadamente, todos os novos que



Hans Stuwe, o grande actor alemão, que temos visto em vários filmes da Ufa

surgem no firmamento leatral. É certo que o estímulo tem inegável valor. Mas o elogio em demasia, é, na maior parte dos casos, prejudicial para o aspirante a astro ou para a futura estréla, que se coraçaam de vaidade, a ponto de não haver talento que esse consiga manifestar...

Nestas palavras não vai, para ninguém, a menor censura. Muito pelo contrário, devemos confessar que somos nós, os jornalistas, os maiores culpados de certas avalanches de adjectivos, que se fariam assustar a própria Greta Garbo, — quanto mais uma cinéfila indefesa...

Maquillage imprevista

As côres têm os seus caprichos...

Sylvia Sidney, que acaba de interpretar o seu primeiro filme a côres, nas altas montanhas, conta que o caracterizador passou as passas do Algarve, por sua causa.

Com efeito, por causa da luz, começaram a filmar às seis horas da manhã. A essa hora o frio era intenso e não tardava muito que os artistas tivessem as faces violáceas e a ponta do nariz encarnado...

Pequeno efeito realista, que, entretanto era absolutamente descabido...

ANIBAL NAZARÉ



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 46 — 31 DE AGOSTO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



HELEN WOOD

"CINE-JORNAL" É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA